

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 399

3.º ANNO 1875

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte. ou 10\$000 reis e 3\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20% d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 23 DE SETEMBRO

A eloquencia sagrada entre nós, ou os Ensaios do Pulpito pelo padre Ayres de Gouveia, bispo eleito do Algarve.

Optimus est orator qui dicendo animos audientium et docet, et delectat, et permovet. Docere debetum est: delectare honorarium: permovere necessarium.

(CICER. DE OPTIM. GENER. ORAT. LIB. 5.º CP. V.)

Rarissimos são os genios que na arte oratoria, quer sagrada quer profana, dispensem a imitação dos grandes mestres que os precederam ou lhes são coevos.

A quantos se poderá applicar o que um grande Pontífice dissera a um grande orador: «exhauri as aguas da vossa propria cisterna; bebi nos rios, cuja origem deriva de nós: lembrae-vos sómente que deveis repartil-as pelos outros, e derrama-las em utilidade publica?»

Se eminentes pintores não muitas vezes inspirados só pela natureza, não assim os aprendizes que nada fazem sem os modelos da arte.

As proprias linguas e sciencias, á oimilhança das artes, soriam bem pouca coisa se no conhecimento das quaes o homem despresasse as lições do ensiao e da experiencia.

Mas, se a imitação é o primeiro preceito da arte, a eloquencia da cadeira não pôde esquivar-se a esta lei commum.

Dá-se no estudo productiva das obras dos melhores auctores, diz Buffeau, o que acontecia á sacerdotisa d'Apollo quando, sentada na tripode sagrada, proferia oráculos: diz-se que celeste vapor escapado da tetra a cercara e de inspiração divina os euchia; assim das melhores obras sae a inspiração que illustra e sublima quem as aproveita em thesouro seu.

O orador não deve ser emprista, isto é, contentar-se em repetir o que os outros disseram, como a formiga que consome os viveres que ajuntára. Tambem não deve ser dogmatista, isto é, limitar-se unicamente ás forças da sua intelligencia, como a aranha que urde da sua

propria substancia teas admiraveis pela delicadesa do trabalho, mas de nenhum uso e prestimo pela falta de solidez.

Deve ser antes como a abelha que, tirando de flores cheirosas a materia prima, apresenta por arte sua, obra admiravel.

Cicero é com razão chamado o principe da eloquencia por ser de todos os oradores pagãos o que melhor seguira este methodo, isto é, o empirico-racional. Junto a docilidade de Isocrates, a sublimidade de Lysias, a affluente dicção do Eschines, e muitas vezes a força de Demosthenes.

E' na Escripura Santa onde o orador sagrado principalmente deve buscar a maior copia de eloquencia. Nos Prophetas ha estylo sublime, vivas imagens, ricas pinturas.

Isaias enleva-nos a alma, Jeremias fere-nos o coração, Ezechiel esmaga-nos o espirito, Daniel inspira-nos ternura e devoção. Os psalmos de David estão cheios de sentimentos piedosos, os livros de Salomão de moral sublime, as epistolas de S. Paulo de solidos argumentos, os Evangelhos de doutrina celestial e divina, onde se encontra o Sermão da Montanha, modelo de perfeição christã.

Os Padres da Igreja são a segunda fonte inexaurivel de eloquencia sagrada. Mas, ha aqui a notar com Bruyere que nem em tudo se podem imitar estes oráculos, por viverem alguns em tempos pouco politos. O mais eloquente dos Padres Gregos, S. João Chrysostomo, apesar da virilidade de pensamento, exactidão de doutrina, força de exhortação, não tem a unidade d'asumpto e desenvolvimento, hoje, mais que nunca, tão precisa em nossos discursos.

Os Padres Latinos, inferiores aos Padres Gregos, por terem vivido n'um periodo de decadencia litteraria, tambem não tem a ordem, methodo e precisão nas materias que hoje se exige em discursos bem acabados.

Na explicação da Escripura, nas reflexões moraes, na pintura dos costumes do seu tempo, na solidez e belleza dos pensamentos ha ahí todo a aproveitar; não assim emquanto á forma, disposição dos assumptos e ornamentos litterarios.

Os auctores de eloquencia profana são tambem de não pequeno subsidio á eloquencia ragra, no que elles tem de justo e aprimorado. Podemos convertel-os em riqueza nossa, como dos thesouros Egypticos fiserá o povo de Deus.

Um grande mestre da oratoria sagrada escreveu, não ha muitos annos, o seguinte de util ensinamento: «Conheci um homem de capacidade superior aos seus annos e estudo o qual, antes de entrar na vida do pulpito, estudára assiduamente Cicero. Reparei-lhe que da cadeira evangelica era estranho o estudo de taes assumptos; ao que elle me respondeu: é verdade, mas em todas as obras d'este grande orador romano encontro bom senso; admiro como elle prova sem replica uma verdade, previne e desfaz objecções na apparencia irrespondiveis, desenvolve argumentos tendentes a convencer, expõe doutrinas do modo a persuadir. E' exactamente isto o que eu quero e procuro de preferencia a essas obras de balofa eloquencia que por ahí apparecem.»

E' sobretudo nos primeiros cultores da eloquencia sagrada que devemos cultivar a arte de fallar seguido os preceitos oratorios. E' d'entre estes que modernamente são tantos e tão distintos escolher principalmente os que escreveram em linguagem vernacula, e mais proximos de nós.

Bastantes oradores sagrados tivemos que seguido a esteira luminosa dos grandes mestres não poderiam hoje ser integralmente imitados, sem nos tornarmos fastidiosos, por destoarem seus discursos do adiantamento em que vão linguas e sciencias.

Bastará fazer reparo n'um que de todos é o maior, e com razão chamado o principe dos oradores portugueses, para que nos não sobre scrupulo em minuciosa escolha. Fallamos do padre Vieira; quem o não admirará consummado orador já pela pureza de linguagem e novidade de pensamentos, já pela propriedade de imagens e fidelidade de descrições? E, no entanto quem, imitando-o em tudo, poderia jactar-se de amahar os fructos que elle colherá no seu tempo? Vieira, diz um grande mestre da nossa litteratura, se não corrompeu a lingua portuguesa, corrompeu a eloquencia, assim como o

Seneca dos romanos corrompeu a eloquencia romana, escrevendo puramente latim.

Escasseam entre nós modelos de eloquencia sagrada do genero sublime, consoante os ultimos progressos da litteratura e das sciencias, em modo a poderem ser imitados pelos que desejarem cultivar a oratoria do pulpito.

De tantos trabalhos malogrados virgou, e exceden-os a todos, o que ha pouco vira a luz da publicidade com o modesto titulo: «Ensaios do Pulpito».

Não é um trabalho que sirva de estímulo a mais perfectos exercicios de oratoria, é antes um livro completo onde se encontra elevada ao ultimo apuro d'arte a nossa eloquencia sagrada.

Não são ensaios do pulpito, são modelos do pulpito.

Aqui são tratadas magistralmente as principaes questões que abalam pelos fundamentos a sociedade. O erro ainda que vestido das mais seductoras e capciosas fórmulas, é desvendado, combatido e estigmatizado pela verdade que se irradia folgurante das paginas do Livro Sagrado, da doutrina dos Padres e das decisões da Igreja. O vicio, ainda que cortejado dos applausos dos insensatos e voluptuosos, é condemnado em nome da razão, da moral, da historia e dos estragos que produz no individuo, na familia e na sociedade.

Ha vista o sermão ácerca do suicidio, e o sermão ácerca do jogo.

O estylo que o auctor emprega nem é o da escola romantica, nem o da escola dogmatica, é a alliança intima dos primores da linguagem que dispõe ás personagens com os argumentos da doutrina que levam á convicção.

Os «Ensaios do Pulpito» não são apenas uma colleção de pensamentos vertidos da mais bella e peregrina linguagem, nem tão pouco uma serie ininterrupta de argumentos despidos de toda a fórma attractiva e delectosa, são a exposição methodica, e desenvolvimento regular e harmonioso de assumptos bem estabelecidos, divididos e tratados em linguagem, além de correcta e pura, elegante, consoante as necessidades da epoca, e a par do progresso dos conhecimentos humanos.

Nada ha ahí que soffra o menor reparo; antes para maior realce apparece

NOTISETIME

TRADIÇÕES POPULARES

POR

A. B.

II

[Continuação]

Mas o Evangelho de S. João, como nenhum outro, não foi escripto em vida do Salvador, senão depois da sua morte, e subida aos ceos. Logo é supposta ou apocripha a carta, porque ha n'ella uma citação, que só se pode verificar algum tempo depois da ascensão do Salvador.

Ainda mais algumas rasões de congruencia que nos fazem persuadir a pouca firmeza d'esta tradição.

E' incrível, que Christo Senhor Nosso, de quem consta por todos os quatro Evangelistas que accudiu promptamente com o remedio a todos os enfermos, que com verdadeira fé imploravam a sua piedade, dilatasse tanto tempo a cura da enfermidade de Abgar, confessando elle além d'isso a sua Divindade.

Tambem igualmente é destituido de toda a verosimilhança o offerecimento ou convite de hospedagem, e asilo que faz Abgar a Christo Senhor Nosso.

Se aquelle principe cria, como mostra

na carta, na Divindade de Christo, havia de crer tambem por consequencia que para nada precisava do asilo de Edessa. Quem como Senhor do Ceo e da terra podia impedir que os Judeus lhe fizessem outro mal senão o que Christo Senhor Nosso livremente lhes consentisse! Com effeito, seria grande extravagancia offerecer a sua protecção no estreito recinto d'uma cidade ao Senhor Omnipotente, Creador do ceo e da terra. Todas estas rasões e outras que omitimos, nos levam a crer que é destituida de verdadeiro fundamento a tradição que impugnamos. Pése o leitor estas rasões que deixamos apontadas, e diga-nos o resultado da sua confrontação, ou antes a impressão que lhes causaram no espirito.

III

A tradição, que havemos impugnado á face da boa critica, se deu tempos depois por companhia outra, que faz um corpo de historia com ella.

Conta se que o mesmo rei Abgar enviou a Christo Senhor Nosso um pintor para lhe tirar o retrato, porém que nunca o pôde conseguir, porque o resplendor divino e o brilhantismo do rosto do Salvador e a auréola que lhe circumdava a cabeça, faziam perturbar a vista ao pintor, e errar o pincel. A este embaraço, diz mais a tradição, accudiu milagrosamente a benignidade Soberana do Redem-

ptor, porque applicando um lenço ao rosto sem mais diligencia ficaram gravadas perfeitamente n'elle todas as suas feições, e este celestial retrato foi o que enviou ao devoto rei de Edessa.

Esta tradição vulgarizou-se muito e estendeu-se por longe em virtude de apparecerem varias pinturas do rosto do Salvador, que fásamente se disiam trasladadas d'aquella primeira imagem, e era o sufficiente para se recommendarem á devoção da gente credula. Mas a variedade, ou discrepancia d'estas mesmas cópias mostra a falsidade, ou pelo menos a incerteza d'esta tradição.

Ainda prescindindo d'este argumento, o que parece mais concludente para mostrar a inanidade d'esta tradição é o silencio de Eusebio.

Este historiador, que tanto alarde fizera com a tradição, de que fallei antecedentemente, e que tinha visto as actas da Igreja de Edessa, não faz menção d'esta tradição; e tão fóra de toda a probabilidade é que os Edessianos não houvessem apontado esta tradição nas suas actas, no caso de ter para elles alguns visos de verosimilhança, como que Eusebio achando-a exarada lá a não publicasse.

A historia da correspondencia epistolar entre Jesus Christo e Abgar traz tão unida consigo a circumstancia do retrato, e esta circumstancia dá um realce

tão admiravel áquella historia, que se deve reputar moralmente impossivel tanto que ella deixasse de estar apontada nas actas da Igreja de Edessa, como que Eusebio encontrando-a lá exarada a deixasse de referir, especialmente quando conta com muita individualização as consequencias da embaixada de Abgar, isto é, a missão de Thadeu a Edessa, sua pregação n'aquella cidade, e a cura do rei, tudo tirado das ditas actas.

Admitte-se facilmente que os Edessianos tinham e mostraram uma pretendida Imagem do Salvador, que diziam haver sido formada pelo modo milagroso, que referimos, e enviada por Jesus Christo a Abgar. Mas isto prova só que os habitantes de Edessa depois que viram popularizada e estendida felizmente por longe a primeira tradição que fica impugnada, de que elles foram auctores, como mostramos, por meio d'umas actas falsas, ousaram dar um novo realce tempos depois a esta tradição com a supposição da Imagem do Salvador; e lograram seu intento, como queriam, pois ainda acharam espiritos credulos que lhe deram titulo de veracidade, mas não seremos nós hoje do numero d'estes, pelas rasões que ficam expendidas.

(Continúa)

em quasi todos a unção evangelica fazendo-nos estalar repeso o coração.

Pureza e elegancia na linguagem; viveza, ou melhor, acção creadora nos productos da imaginação; propriedade nas imagens; fidelidade e belleza nas descrições; imparcialidade na historia; exactidão na doutrina; rigorosa observancia dos preceitos oratorios, são tudo primores de eloquencia sagrada que elevam os sermões do sr. padre Ayres de Gouveia á altura de perfectos modelos de arte que todos devem imitar.

Poderamos dar como prova do que vamos dizendo muitissimos trechos; mas são de tal valor e quilate todos os sermões, que ficaríamos pesados pelos não transcrever, por inteiro. Nesta impossibilidade resta-nos a certeza que temos de que o leitor ao julgar os os achará immensamente superiores á nossa debil critica.

Em nenhum outro sermonario se verificam tanto á risca os preceitos do principe dos oradores romanos: «o melhor orador é o que convence, deleita e persuade».

Os «Ensaio do Polpito» inauguraram, cremos, uma nova época em nossa oratoria ecclesiastica. Prova que s. ex.^a nos desse mais d'esses preciosos e valiosissimos trabalhos que serão semente fecunda de novos atletas, ao mesmo tempo que uma das eternas glorias das lettras patrias.

Forcejemos por imital-os.

Braga 19 de setembro de 1875.

P.^o Manuel Ferreira Marnóo e Sousa.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Começamos esta secção transcrevendo do correspondente de Madrid para a «Palavra» o seguinte, que respeita á guerra carlista.

Preferimos copiar fielmente as palavras do illustre escriptor, a resumir as noticias contidas nas suas excellentes cartas, porque pela sua competencia e imparcialidade, o consideramos como o primeiro dos correspondentes estrangeiros para jornaes portuguezes.

«No Norte, apesar das noticias ministerias, sabe-se da boa origem que os carlistas continuam com as operações do recrutamento e começam a armar e a instruir os novos conscritos, por cujo motivo os mesmos que apresentam desanimados os insurgentes, pedem em seus escriptos que se prosiga a lecta com energia, porque depois será tarde.

As operações militares não passam todavia de ameaças a que os carlistas procuram attender movendo as forças de que dispõem e cobrindo suas linhas na medida que ellas os permitem; e como, pelo que se tem visto, a inação não entra em seus calculos, sabe-se que Perula com dezete batalhões se adeantou sobre Lumbier e Aoziz, repellindo depois de um ligeiro combate as forças affonsinas que guardavam estes pontos e Dicastillo e estendendo-se até Tudela como se intentasse forçar a passagem do Ebro. Ajuda que o governo nada disse d'estes acontecimentos, são confirmados por diferentes vias e revela-o o facto de achar-se em Pamplona o general em chefe do exercito do Norte combinando planos de ataque com Reina que commanda o exercito acantonado em Esquinza e Puente la Reina.

Entretanto continuam as hostilidades sobre Hernani, e os movimentos em frente de Bilbao e a linha de Valmaseda, estando suspensas, como annunciou, as operações da esquadra.

Na Catalonha houve um ligeiro encontro com a brigada Casola, que atacou em Madrona 400 cavallos carlistas, sem que offerecesse importancia o resultado, e outro de mais transcendencia, do qual não ha ainda promenores, em S. Quirce de Bassora com alguns batalhões da Sables.

Desde hontem falla-se tambem de uma acção muito reuhida em Montesquiú porém o governo guarda silencio a respeito d'este combate, afirmando que carece de noticias, cousa estranha, pois se apressa a publicar, quando julga que lhe são favoraveis, até as pequenas escaramuças que se dão na margem do Ebro pela parte de Aragão e Valencia com as partidas soltas que alli teem apparecido, como an-

nunciei, com o fim de que a insurreição tome novo corpo no Centro.

Se as razões que deixo expostas mais acima não explicassem a continuação da lucta, o proceder adoptado, não já com os carlistas em armas ou com os que possam favorecel-os, mas até com os que se apresentam a indulto, bastaria a justifical-a.

Em Cinterres, povoação do Maestrazgo, recordando velharias revolucionarias improprias de uma era monarchica de ordem, plantou-se a arvore da liberdade e determinou-se que as mulheres casadas com homens conhecidas por suas affeições carlistas sejam as encarregadas de regal-a, e em Chubilla, da mesma comarca, o commandante militar da zona obrigou a municipalidade a que percorresse as ruas principaes da cidade gritando: abaixo os carlistas! (ignoravamos que estivessem em cima) fundando-se para um acto tão tirannico em que os membros do municipio professam aquella opinião, o que se comprehende sabendo-se que ha em Hispanha muitas zonas ruraes onde sem elles não pôde constituir-se a municipalidade.

Em ambos os pontos se obrigou a que formassem o cortejo de tão grotescas ceremonias os apresentados a indulto. O governo cala-se a tudo isto e dá por boas as medidas que a seu capricho tomam os mais modestos delegados da sua auctoridade.

E assim se quer restabelecer a ordem e tranquilisar os animos em um paiz como o nosso!

Commandancia general da Navarra

ORDEN GENERAL

Estella 6 de setembro.

Voluntarios!—Acabo de tomar o commando general da Navarra, que está acima de minhas forças e de meus merecimentos. Não conto para vencer senão com o soccorro de Deus e com o vosso animo proverbial. Aceitando-o faço um sacrificio de obediencia; fazei vós tambem tudo o que se vos pedir para o triumpho da nossa santa causa.

Dirijo-vos a palavra para recommendar a todos, chefes, officiaes e soldados, a mais completa obediencia, e a mais severa disciplina. Sem isto não poderiam haver exercitos, porque é isso a sua liga de união e o fundamento do valor colectivo. Não esqueças que Deus occupa o primeiro logar sobre a nossa bandeira e que se formos bons christãos, Deus estará connosco.

Todos vós me conheceis, e deveis comprehender quanto eu vos serei dedicado, e quanto serei inexoravel para corrigir os maus. O crime que hoje acho mais hediondo, mais abominavel é a infidelidade, o abandono da nossa bandeira. No momento em que o inimigo recorre, com um refinamento de barbaridade, a meios iniquos para que vós largueis as armas que tendes sustentado com tanto valor (porque elle julga-se fraco para vol-as arrancar sobre o campo de batalha), a deserção é a maior fraqueza.

Quando o inimigo assola, e incendia os nossos campos, persegue e calca aos pés os nossos paes, as nossas esposas e os nossos filhos, todos nós nos devemos sentir inflammados d'uma justa indignação, não se comprehenderia que existam seres tão cobardes e tão vis, que se fossem lançar nos braços dos seus algozes. O sangue navarro não corre, não pôde correr nas veias d'aquelles que praticam a infamia de ir beijar a mão que os flagella. Se, o que não é para acreditar, houvesse entre vós algum que se tornasse culpado por um tal crime, denunciae-o e que elle seja castigado com o rigor do codigo militar.

Esperemos que o ceo coroará os nossos esforços.

O vosso commandante general,

José Lerga.

HEROICA RESISTENCIA DE SEO D'URGEL

Relatorio do general Lizarraga

[Conclusão]

As nossas perdas em homens eram já tão sensiveis que não podiamos esperar salvacão senão com soccorros vindos do exterior. Durante este tempo procurava animar os nossos voluntarios.

Durante as noites, apesar do bombardeamento, fazia construir novos trabalhos

de defeza e reparar os danos causados durante o dia, pela artilheria inimiga. Mandava forças a Castell-Ciudad afim de trazerem agua de Balire, por causa das más condições em que se achavam os poços da cidadella e do forte, para conter as aguas, e tambem por causa da excessiva secca.

No dia 14 de manhã ouvimos, na direcção de Adráll, alguns tiros; vimos correr n'esta direcção alguns batalhões, e comprehendemos que eram atacados por forças vindas do exterior.

Para auxiliar este movimento fizemos fogo com algumas peças de que podiamos dispôr. O inimigo respondeu com a sua artilheria tão extraordinariamente superior, e incendiou a nossa bateria da segunda linha e causou-nos alguns danos.

O ataque não foi de longa duração, e comprehendemos que as forças vindas em nosso auxilio tiveram que retroceder.

No dia 15 o tiroteio foi tão nutrido durante o dia, e o bombardeamento tão vivo durante a noite, que um pequeno destacamento de infantaria inimiga quiz impedir-nos de tirar a agua em Balire.

A 16, antes do romper da alva, ouvimos um vivo tiroteio do lado de Navinez, d'onde uma das baterias affonsistas nos causava os maiores danos.

Dirigimos contra ella o fogo das nossas afim de ajudar os assaltantes: comprehendemos: que elles atacavam com impeto, e chegámos a vêr os affonsistas abandonar as primeiras linhas, descer com a maior desordem á bateria, e voltar contra os nossos libertadores duas peças da bateria, objecto do seu ataque, enquanto que continuavam o fogo contra a cidadella com o resto dos canhões de Navinez.

As forças de Seo, Allas, Arph, correram em soccorro da bateria ameaçada, e a superioridade do numero obrigou os assaltantes a bater em retirada.

Privados de communicacão com os nossos soccorros exteriores, ignoramos o succedida até que o mesmo inimigo nos fez saber que com um punhado de homens s. ex.^a o general D. Juan de Castells tinha atacado, com uma coragem e audacia dignas da admiracão, as suas posições, tendo occupado duas, fazendo-o soffrir bastantes perdas tanto em mortos como em feridos; fazendo prisioneira uma companhia e não obtendo um successo mais importante por causa do grande numero das forças affonsistas.

Para se vingar d'este revez, o inimigo fastigou-nos durante o dia pelas suas descargas de artilheria, e de noite, segundo o costume, por um fogo de mosquetaria e um bombardeamento continuo.

Até então os nossos voluntarios tinham supportado os rigores do sitio com coragem, e soffrido todas as fadigas com uma nobre resignação; mas n'este dia perdendo toda a esperanca de serem soccorridos, alguns começaram a fraquejar. Esforcei-me em reanimar a sua coragem e sangue frio, viatudes tão necessarias nas occasiões difficeis.

Nos dias seguintes, o fogo de artilheria do Cuervo e a fusilaria continuavam como nos dias precedentes. As nossas ruinas iam sendo cada vez maiores; apenas havia uma parte do muro da cidadella intacto, que era o alvo favorito dos affonsistas. Tudo abatia, e os proprios edificios que se julgavam á prova de bomba soffriam grandes danos.

Só a nossa bateria Saint Odan podia continuar um bombardeamento effica; os krupps conservados afim de poderem ser transportados aos pontos mais ameaçados tinham apenas munições.

Apesar da falta de munições tencio-navamos repellir o assalto se o inimigo o tentasse por uma das brechas praticaveis. Apesar do fogo continuo até ao dia 21 de maio podemos fornecer-nos de agua sem difficuldade. A's 7 horas da tarde d'esse dia um batalhão inimigo surprehen-deu os nossos postos avançados obrigando as duas companhias a abandonar Castell-Ciudad, e a subir ao Castello. Crusamos os fogos da cidadella e do forte para desalojar ao inimigo o inimigo e estavamos para fazer uma sortida quando me vieram prevenir que á luz das estrellas se viam forças de Monteferré promptas a tentarem o assalto; postei os voluntarios depois de ter percorrido todo o recinto, e ordenei que estivessem silenciosos e não rompessem o fogo senão quando o inimigo apparecesse nos muros.

A's 2 horas da manhã collocou as escadas. A nossa companhia de veteranos rompeu em vivo fogo e lançou granadas á mão, e os nossos artilheiros lançaram bombas de 27 do alto das trincheiras.

Esta manobra assustou de modo os

assaltantes que retrocederam precipitadamente; com grandes perdas e deixando no campo da batalha 5 escadas, effeitos de guerra, saccos de terra etc.; sendo tudo recolhido á cidadella.

Fez-nos bastante mal a perda de Castell-Ciudad por não termos agua; o forte tinha viveres apenas para dois dias. O effeito moral foi grande e tomei medidas energicas para impedir as deserções.

N'estas circumstancias julguei ser necessario um grande esforço para desalojar da aldeia o inimigo. Canhoneei-o na noite de 22.

A 23 dei ordem ao commandante do 2.^o de Lerida de operar uma sortida sobre Castell-Ciudad para se apoderar das barricadas que o inimigo tinha construido e acabar de incendiar a aldeia para obrigar a sahir d'ella, a todo o custo os affonsistas.

O commandante do 2.^o de Lerida compriu corajosamente a sua missão e aproximou-se da casa em que estava a vanguarda inimiga.

O fogo terrivel das suas baterias obrigou os nossos voluntarios a recuar, assim como os do forte. No dia seguinte ao meio dia vi que ameaçava a parlamentar com o inimigo, e alguns soldados que conversavam com os affonsistas.

Constitui prisioneiro o capitão da companhia dos mesmos, e que sem tratar comigo tinha mandado parlamentarios ao campo inimigo. Esperava com impaciencia o resultado dos passos de Castillo. Ao meio dia apresentou-se-me um ajudante de campo de campo de Martinez Campos, portador de uma carta, que me convidava a render-me. Particpei-lhe a minha resolução de resistir, pedindo 24 horas de treguas para communicar com o forte e poder deliberar.

Concedendo-me isto, reuni conselho de guerra, que decidiu que nos rendesemos.

No dia 24 particpei a Martinez Campos, esta resolução; e elle de accordo com Jovellar, respondeu-nos que nos concedia todas as honras da guerra, mas que ficaríamos prisioneiros; concedeu-nos mais 24 horas para deliberarmos.

V. ex.^a conver-se-ha pelo acto da capitulação, que o inimigo nos concedeu as honras da guerra em consequencia da nossa heroica defeza.

Confio em que v. ex.^a, dando conhecimento a S. M. d'este revez, saberá prestar aos bravos que me rodeavam, durante este cerco, as honras que merecem pelos seus esforços e constancia.

Deus guarde a v. ex.^a por muitos annos.

Cidadella de Seo de Urgel, 27 de agosto de 1875.

O general

Antonio Lizarraga.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA.

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

1.^a Repartição

Não tendo havido oppositores no concurso documental aberto para provimento da igreja parochial de S. Romão de Alferse, do concelho de Monchique, diocese do Algarve, o qual findou em 15 Jo corrente mez: manda Sua Magestade El-Rei que, nos termos do artigo 16.^o do decreto de 2 de janeiro de 1862, se abra concurso, por provas publicas, perante o respectivo prelado diocesano, para provimento da sobredita igreja parochial observando-se as prescripções do decreto de 9 de dezembro de 1826.

O que, por ordem do mesmo augusto senhor, se participa ao vigario capitular do bispado do Algarve, para sua intelligencia e devidos effeitos.

Paço, em 17 de setembro de 1875.— Augusto Cesar Barjona de Freitas.

Direcção geral dos negocios de justica.

1.^a repartição

Para conhecimento de todas as repartições, tribunaes e auctoridades a quem pertencer, e das partes interessadas, se faz publico, na conformidade da portaria d'este ministerio de 16 de julho de 1859, publicada no «Diario do governo» n.^o 158,

que na data abaixo declarada se effectuaram os seguintes despachos:

Bacharel Antonio Joaquim Nunes de Vasconcellos, juiz de direito da 2.^a vara da comarca de Lisboa—licença por quarenta dias.

Bacharel José Ferreira da Silva Fraga-teiro, dito da comarca do Peso da Regua—autorização para gosar de anterior licença por trinta dias.

Secretaria d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, em 18 de setembro de 1875.—Thomaz Ribeiro, director geral.

CORRESPONDENCIA

A nova comarca de Paredes de Coura

Ha deveres sacratissimos, cujo cumprimento é bem se manifeste sempre e por todas as formas. Possuidos d'esta edieca que temos como axiomática, não podemos deixar de por este meio patentear ao bondoso povo do antigo concelho de Coura a nossa satisfação e enviar-lhe d'aqui as mais sinceras felicitações por o facto de se lhe ter feito um acto de plena justiça elevando a cathedra de comarca aquelle, a todos os respeito, rico concelho.

O encargo de alguns negocios fez que em tres annos com pequenas intermitencias demorassemos pelo concelho de Coura; a nossa acanhada intelligencia teve então occasião de avaliar o que seja o influxo da religião catholica cujos salutaris preceitos ninguem como aquelles povos sabe seguir, e por isso tambem nenhum outro os excederá em cordura, bondade e fidelidade.

O forasteiro que habituado ao convívio dos grandes centros de população transpuser os alcantis escabrosos que parece isolarem os povos de Coura dos do resto do mundo, chegar ali e viver e tratar com tão hedonoso povo, mal pôde conter-se na surpresa pelo encontro de tão sublimes costumes, de tanta hospitalidade, de tão delicado tracto e sobre tudo de tanta religiosidade, principio de todos os demais attributos magnificos que são adornativos da honrada população courense.

Os poderes publicos parece terem por norma desprezar sempre um povo que por sua mansidão e cordura limita as exigencias, ou nem mesmo as sabe fazer.

O povo de Coura é talvez o primeiro do reino a satisfazer qualquer contribuição que aos governos lembra de impôr: ali nunca se reage contra as exigencias, mais ou menos vexatorias do fisco: a auctoridade judicial ou administrativa é sempre acatada e respeitada como o não é em parte alguma; não se carece ali de policia para manter a paz e ordem, que a tornam inalteravel os bons instinctos d'aquella população laboriosa e honrada; em fim o povo courense é um modelo de cordura e civilização.

No entanto os governos parecendo esquecer tudo isto e que aquelle concelho é rico e florecente de produção agricola, tem descurado completamente dos melhoramentos materiaes a que elle tem incontestavel direito, em quanto se favorecem outros povos com bem menos juiz a isso.

Alli não se tem feito uma estrada, e a necessidade instante da criação d'uma comarca ali sentiu-se de ha muito como um lenitivo á crueldade de um povo ter de percorrer leguas de máo caminho para tratar de seus negocios e pendencias n'uma terra que a propria posição topografica está dizendo estranha.

Cessou ainda bem, para aquelle povo um grande vexame, e se as intenções do ministro, creando a nova comarca foram simplesmente attentivas da evidente conveniencia e justiça d'aquella excellente povo, cabe louvar-lhe o acto, se bem que tardio, como de plena justiça. As nossas felicitações pois ao honrado povo da hoje comarca de Coura por ser attendido nas suas mais justas aspirações.

Porto 20 de setembro de 1875.

J. MACHADO JUNIOR.

GAZETILHA

Festividade.—No proximo domingo, 26, festeja-se na capella do logar da Naia, nos aros d'esta cidade, a milagrosa Imagem de N. Senhor das Afflicções; havendo de manhã missa cantada, com instrumental, e de tarde sermão, e arraial com leitão de prendas, tocando a espaços uma banda de musica.

Tromba d'agua.—Os jornaes francezes dizem que nos dias 9 e 10 do corrente mez caiu uma forte tempestade no departamento de Hérault (Montpellier) e que uma grande tromba de agua causou estragos enormes nas propriedades.

Morreu uma pessoa.
Puff!—Noticia o nosso collega do «Jornal do Minho» que o rabi-cador das duzias, M. Neves, anda escrevendo um romance (ah! ah!) em dois volumes (uh! uh!) que deverá ficar concluido nos fins do corrente anno.

Isto não passa de encomenda do tal «parasita da litteratura», que ha de comear o romance quando vierem as cebolas do Egypto, e conclui-o para a resurreição dos capuchos.

No entretanto, suppondo que o creançola ande a fazer exercicios de calligrafia, põmos de sobre-aviso os auctores de romances, e... a policia.

Senão haja vista á carta do eminente litterato J. Fontellas, que transcrevemos n'outro logar d'esta secção.

Prevenimos igualmente o nosso estimavel collega do «Jornal do Minho», para que um dia não veja a sua propriedade litteraria tratada como «roupa de francezes».

Pela nossa parte, que tambem algumas cascas de nozes temos a vogar pelo immenso mar da publicidade, ficamos de atalaia.

E ficamos vigilantes na supposição de que o tal auctor do romance em projecto, na sua estupenda ignorancia prefira o joio ao trigo.

Amnistia.—As noticias vindas do Rio de Janeiro, dizem que era esperada dentro de breves dias a promulgação do decreto amnistiando os bispos e governadores de dioceses que estavam processados pelo falso crime de rebeldia aos poderes do estado.

Para banhos de mar.—Partiram para as praias o sr. Fernando Castiço, sua ex.^{ma} esposa, e cunhado conde de S. Mamede, e o sr. dr. Gonçalo Antão.

D. Affonso XII livre-pensador.—O correspondente de Madrid para o «Univers», diz-lhe com data de 12, entre outras cousas o seguinte:

«Disse-vos ao principiar esta correspondencia que D. Affonso estava encurrulado nas suas ultimas trincheiras; estas trincheiras não são senão ruínas e barancos. Foi para alli que o levaram as suas falsas ideias, e principalmente as suas antipathias para com os moderados historicos e a sua obstinação é tal que não quer escutar os seus conselhos:

Eu sou livre pensador, dizia elle hontem de manhã a uma pessoa cujo nome não passo dizer. Eu era livre pensador antes de vir para Madrid. A tolerancia não significa nada e não conduz a nada. Eu sou pela liberdade dos cultos e sou de opinião que cada um peça a Deus como entender. Sobre este ponto não recuarei um passo porque estou com o progresso do dia.

Estes actos teem sido mui consequentes com suas palavras!»

A ser isto verdade, como acreditamos, o rapaz está luzido, accrescenta o «Direito». Quando foi visitar Bismark alguma cousa havia de aprender.

Pois está arranjado!
Que vergonha para a Hispanha catholica!

O Roque II na berlinda.—Como já noticiamos, appareceram nos baixos do «C. de Villa Real» um versos firmados por um Moraes Neves (vulgo—Roque II), copiados fielmente d'um volume de poesias do nosso antigo e presadissimo amigo J. Fontellas, poeta distinctissimo.

Para que se não julgue que denunciemos injustamente o parasita miseravel, vamos transcrever do jornal «O Norte» a seguinte carta,—bonito feixe de loiros com que presentamos o surripador impudente. Segue a carta:

Com data de 16 do corrente dirigi á redacção do «Commercio de Villa Real» uma carta concebida pouco mais ou menos nos seguintes termos:

«Se por entre os emaranhados caminhos da vida é sempre lisongeiro o apparecimento de uma alma afinada pelos sons da nossa, que sente como nós sentimos, e pensa como nós pensamos; muito mais lisongeiro é, sem duvida, o encontro de um sujeito, que não só pensa e sente como nós, mas falla pela nossa bocca, e escreve com a nossa penna.

«Occorrem-me estas reflexões ao ver o folhetim do seu jornal de 13 do corrente, em que o sr. Moraes Neves prova que

é um poeta verdadeiramente inspirado,—que tem o raro condão de adivinhar em Braga, no anno de 1875, o que sahio dos pelos do Porto em 1869...

«E' singular, pasmoso, inaudito!

«Não sei o que mais se deva admirar no pretendido auctor do folhetim:—se a ingenuidade infantil com que subscreve e perfilha um parto enfezado e albeio, se a inexcusavel modestia de s. s.^a, que, podendo pavonear-se bizarramente com as galas que abundam no vastissimo campo da litteratura patria, contentou-se em casar os os sons da sua lyra com os roufenhos accordos da minha Ignorada bandurra.

«Mal pensava eu que aquella innocente—*Edade de Ouro*—collacada á frente da minha humilde collecção de versos, deverias ser um dia o objecto das complacencias litterarias de futuros Neves!

«Confesso que me sinto desvanecido com o oaso; e como não tenho a honra de conhecer o poeta, recorro a v. sr. redactor, para que se digne transmittir-lhe a expressão da minha gratidão, agradecendo-lhe sobre tudo a fidelidade da copia, que em verdade não discrepa do original em uma só virgula.

«Sediellos, 16—8—75.

«De v. etc.

«J. Fontellas.»

Serões d'aldeia.—POR J. DE LEMOS—Como já annunciámos é assim que se intitula um novo livro do grande litterato J. de Lemos. N'um prospecto que temos á vista, diz o seu editor, o sr. Ernesto Chardron:

«Eis o titulo e o auctor d'um volume em prosa, que me proponho publicar, e para o qual solicito assignaturas.

Abrange a obra variados assumptos assim moraes como religiosos. Foram colligidos n'ella alguns artigos já publicados em diferentes epocas, que vieram agora tomar o logar que lhes cabia nos *Serões*, sem que, por isso, boa parte destes deixe de ser completamente inédita. Mencionarei a inscripção d'alguns capitulos ou *Serões* para mais clara idéa do livro que offereço ao publico:

Roma e a Caridade—Injustiça com que são julgados os Reis—Jornalismo e sua influencia—Religião e Policia—Os pobres á sombra do Iqueja—Effeitos moraes do D. Quixote—Necessidades da Revelação—A Fé e a Razão—A verdade a respeito de Galliteu—Considerações relativas ao theatro de hoje—Saudade—A Igreja não mata a sciencia—Petrucci della Guina—A influencia da Religião e a influencia do mundo—O poder da verdade—Duas obras de misericordia—O Domingo—O bispo do Algarve D. Francis Gomes do Avellar—etc., etc.

Já se vê que não é obra que possa agradar aos leitores inclinados a leituras frivolas; cuida, porém, que agradará aos que preferem leituras graves e proveitosas.

O volume, nitidamente impresso, no formato d'este prospecto, terá 250 a 300 paginas; o preço, para os snrs. assignantes, será de 500 reis, pagos no acto da entrega d'elle.»

ANNUNCIOS

MADEIRA

Na freguezia de Barreiros, no logar de Passos, em casa de Antonio José Liebello, ha para vender 46 duzias de taboas de castanho muito seccas, e entram n'este numero 40 couçoeras. (2703)

A Nova Empreza de trens

Faz publico que desde o dia 28 de setembro, suspende provisoriamente a sua carreira de diligencias que tem entre esta cidade e Villa dos Arcos.

Braga 18 de setembro de 1875.

O gerente,

(2704) Eduardo Pacheco.

GUARDA-CHUVA

Quem achasse um guarda-chuva de seda cor de castanha e armação de baleia, e o queira restituir, pôde fazel-o no escriptorio d'esta redacção, ou no Porto, no café da rua de Santo Antonio, a Francisco Ribeiro Palma, que receberá por isso alviçaras. (2707)

LINHEIRO A JURO

Quem pertender tomar a juro a quantia de 700\$000 reis a juro de 5% ao anno com escriptura registrada e hypotheca, falle com Felicidade de Freitas, largo de S. Lazaro n.º 8.—Braga. (2705)

EMPREGADO

Precisa-se de um empregado para escripturação commercial. Quem estiver nas condições, dirija-se ao campo de D. Luiz 1.º n.º 5 e 6. (2706)



NOVO HORARIO

A antiga sociedade Viação Bracarense, leva ao conhecimento do publico que os seus carros que d'esta cidade saham para os Arcos e Monção ás 5 horas da manhã e 3 e 5 da tarde, ficam sahindo desde o dia 1.º de outubro em diante, o 1.º ás 6 horas da manhã, chega aos Arcos ás 11, segue para Monsão ás 12 e chega ás 5 horas da tarde. O segundo sae á 1 da tarde, chega aos Arcos ás 6. O terceiro sae ás 5 horas da tarde, chega aos Arcos ás 10, segue para Monsão ás 11, e chega ás 4 da manhã do dia seguinte.

Volta

Sae de Monsão o primeiro, ás 6 horas da manhã, chega aos Arcos ás 10, segue para Braga ás 11 e chega á 5 da tarde; o segundo sae dos Arcos á 6 da manhã e chega a Braga as 12; o terceiro sae de Monsão ás 5 horas da tarde, chega aos Arcos ás 9, segue ás 10 e chega a Braga ás 4 horas da manhã do dia seguinte.

Os preços, fora ou dentro, são os já annunciados; os seus escriptores são os antigos: em Braga, em casa do sr. Arranjadinho, nos Arcos, em casa do sr. Diogo, e em Monsão, em casa do sr. Marques.

Os snrs. passageiros tem além da demora dos Arcos, meia hora no Pico, para comer ou descansar, todo este serviço é combinado para que os snrs. passageiros possam seguir para o Porto e Lisboa em todos os comboios.

Preços: Para Monsão, dentro 1\$000 reis, fóra 800. Arcos, dentro 500 reis, fóra 400.—Braga 22 de setembro de 1875.

(2708)

José Luiz Ferreira.



Teixeira e Mesquita, da rua da Sé d'esta cidade de Braga, participam ao respeitavel publico, que continuam com as suas carreiras diarias para a Povoa do Varzim; e, para mais commodidade dos snrs. passageiros, resolveram que o carro que sae d'esta cidade ás 4 horas da manhã fica saindo desde o dia 23 inclusive do corrente mez ás 9 horas da manhã. Os preços os mesmos já annunciados.

INDRAREIO

Sae de Braga ás 9 horas da manhã, chega a Barcellos ás 11 e tem uma hora de demora, sae de Barcellos ao meio dia, chega á Povoa do Varzim ás 3 da tarde. Vice-versa: sae da Povoa do Varzim ás 6 horas da manhã, chega a Barcellos ás 9, tem uma hora de demora, sae de Barcellos ás 10, chega a Braga á uma da tarde.

Vendem-se os bilhetes em Braga no bem conhecido Ribeiro Braga na praça do Barão de S. Martinho, e na Povoa do Varzim no seu antigo escriptorio no Rego, quina da Junqueira. Braga 20 de Setembro de 1875.

N. B. Os annunciantees retiram as suas carreiras da noite no dia 31 do corrente. (2709)

PEDRA D'ALVENARIA

Quem quizer comprar uma porção de pedra d'alvenaria, dirija-se ao sr. Antonio dos Santos Costa, rua da Sé. (2698)

